



casadesarmento

centro de estudos do património

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

NOVAS DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS NA CITÂNIA DE BRITEIROS.

RIBEIRO, Ricardo F.

Ano: 1930 | Número: 40

Como citar este documento:

RIBEIRO, Ricardo F., Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros. *Revista de Guimarães*, 40 (3-4) Jul.-Dez. 1930, p. 171-175.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51

4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Novas descobertas arqueológicas na Citânia de Briteiros

Quando em Setembro do ano corrente procediam à abertura da nova estrada de acesso à Citânia de Briteiros, cuja realização se deve ao esforço de Sua Ex.^a o Sr. Dr. João Antunes Guimarães, ilustre Ministro do Comércio, quis o acaso que os operários, ao fazer o desvio de umas grandes pedras, notassem que o terreno junto a elas cedia sem esforço sob a pressão das alavancas.

Avisado por eles dêste facto, empreendi imediatamente uma escavação nesse lugar, e ao cabo de três dias de trabalho ficava descoberto uma construção de forma cilíndrica, com um raio aprôximado de 0^m,90 e com a altura de 1^m,70, tendo aberta para o lado do poente uma grande porta.

Examinando com cuidado estas ruínas, verifiquei que a face interior das suas paredes me revelava evidentes vestígios de ter estado durante largo tempo em contacto directo com o fogo.

Depois de ter dado conhecimento dêste facto a pessoas competentes, alguém me disse que se tratava de um achado sem grande valor arqueológico, o qual, uma vez identificado devidamente, poderia ficar de novo soterrado, não sendo necessário por causa dêle alterar em nada o traçado da nova estrada em construção.

Não satisfeito porém com esta opinião, resolvi alongar a pesquisa pelo lado da porta.

Em boa hora o fiz, porque em breve me começou a aparecer um corredor de pedra com a largura de 2^m,15 e fechado no extremo oposto ao da porta por uma grande pedra ornada de sinais simbólicos, tendo a mesma forma da existente nos museus desta Sociedade e conhecida por o nome de *Pedra Formosa*.

Vi então que estava em frente de um achado de grande valor que nos vinha trazer importantes esclarecimentos acerca do uso e posição daquela célebre pedra.

Não ficaram porém aqui as surpresas do achado, porque a seguir descobria mais dois recintos de forma quadrangular e contíguos, havendo no último dêles um tanque a um dos cantos.

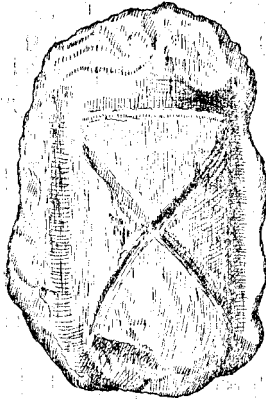
Estas construções, que denotam um uso prolongado, parecem indicar-me, pelo seu aspecto e pela sua disposição geral, que se trata de um monumento de carácter religioso ou possivelmente um crematório.

Sabendo eu que ao Sr. C. Mário Cardoso o estudo da Pedra Formosa tem merecido um cuidado particular, resolvi pedir ao apaixonado arqueólogo a fineza de se encarregar da descrição desta descoberta, apresentando dela aos ilustres membros do XV Congresso Internacional de Antropologia e Arqueologia Prê-histórica, um relato completo e devidamente documentado.

Uma vez concluídas as escavações, publicará Sua Ex.^a este trabalho.

*

* * *



1

Em 1879 andava Martins Sarmiento ocupado na faina das escavações da Citânia, e ao pôr a descoberto um grupo de casas próximo da capela de S. Romão, encontrou em uma delas um objecto de pedra que descreve assim nas suas notas: «do que appareceu, a coisa mais notável foi um fragmento de pedra negra (schisto?) de duas polegadas de comprimento e menos de uma e meia de largo com um entalhe em cruz de S.^{to} André» (1).

Esta pedra (fig. 1), que eu tive a felicidade de encontrar novamente, não chegou a dar entrada nesta Sociedade, tendo sido por certo desviada do museu que, na ocasião Sar-

(1) V. *Revista de Guimarães*, vol. 22, pág. 98.

mento organizou no lugar, para recolha provisória de todos os objectos de interesse que ia descobrindo.

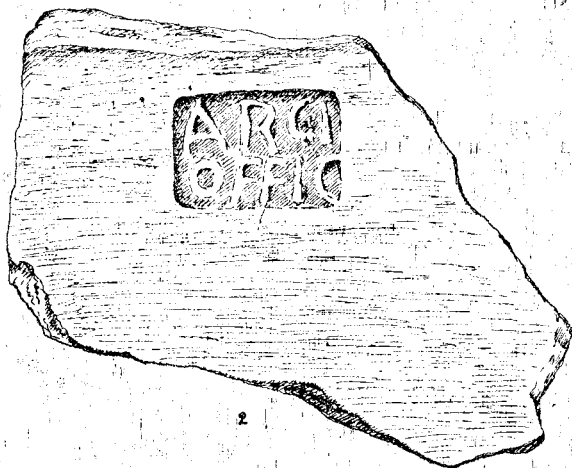
E' de facto um fragmento de xisto de côr cinzento escuro com 0^m,08 de comprido por 0^m,05 de largo, que deveria ter pertencido a uma peça de maiores proporções, de uso e fins desconhecidos.

*

* *

Durante os últimos trabalhos de limpeza às ruínas da Citânia, mandei efectuar uma pequena escavação em volta de um penedo situado na vertente sul do monte, junto das últimas construções descobertas por Sarmento, e que ostenta na face voltada ao poente duas grandes covas.

De entre os objectos que me aparceram sem interesse, destaca-se um, que pela sua novidade merece uma referência particular.



Trata-se do objecto descrito na figura 2.

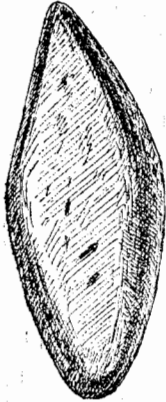
E' um fragmento de cerâmica grosseira pertencente a um grande vaso, o qual tem na face exterior a marca ARGI OFFIC, que deveria ter sido feita com sinete e a fresco.

Este espécime não tem similar no arquivo das marcas citanienses desta Sociedade.

Existe contudo na nossa colecção a marca em sigla ARG ou ARGI CAMAL.

Embora de tipos diferentes, não terão relação estas duas marcas?

Será a simples marca de um fabricante ARCIUS?



3

A figura 3 representa um instrumento de pedra polida que foi encontrado ao remover a terra da nova estrada.

E' um ponteiro de sílex e, pôsto que concluído no seu fabrico, não apresenta vestígios de uso; devendo talvez tratar-se de um instrumento de uso votivo.

As figuras 4, 5, 6 e 7 representam, respectivamente, um alfinete, duas fivelas e uma fibula.



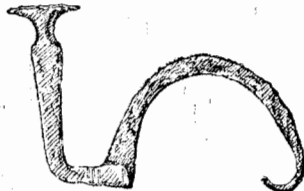
4



5



6



7

O alfinete (acus) de bronze é de fabrico singelo e já conhecido, ficando no entanto a constituir, pelo seu magnífico estado de conservação, o exemplar mais perfeito do espólio d'êste género vindo da Citânia.

A fibula de mola e do tipo de Sabroso, está incompleta, mas é notável pelo seu tamanho, que excede em um t'êrço o maior exemplar recolhido nos museus.

Tem perto de quatro centímetros na maior abertura do arco e três e meio no pé, com o botão terminal achatado e largo.

RICARDO F. RIBEIRO.

(Desenhos do Cap. Mário Cardoso).